

# LINGUASAGEM

## TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DE CANÇÕES: UM OLHAR COM/SOBRE TILS

Heliton Diego LAU<sup>1</sup>

### RESUMO

Através do percurso histórico da comunidade surda e da Língua Brasileira de Sinais (Libras), percebe-se a importância para levantamentos teórico-críticos acerca da tradução/interpretação de canções de visibilidade da Libras em outros espaços culturais. Neste trabalho, pretendemos elucidar a questão de estratégias empregadas na interpretação/tradução das canções em Libras, elencando o significado das identidades surdas (PERLIN, 1998, 2003) presentes na cultura surda e refletir a respeito da tradução/interpretação, valorando os aspectos culturais da língua de sinais. Essa pesquisa é qualitativa bibliográfica, mediante análise de conteúdo (SEVERINO, 2007). Nossa análise são as respostas de um questionário semiestruturado de cinco tradutores intérpretes de línguas de sinais em que observamos o conhecimento de mundo abarcado por eles. Essa pesquisa é sustentada teoricamente por Passos (2010), Rigo (2013), Streiechen (2013), entre outros teóricos e pesquisadores.

**Palavras-chave:** cultura surda; identidade surda; Libras; TILS; tradução de canção.

### ABSTRACT

Through the historical background of the deaf community and the Brazilian Sign Language (Libras, Portuguese acronym), we realize the importance for critical-theoretical surveys about the translation/interpretation of Libras visibility songs in other cultural spaces. In this paper, we intend to elucidate the question of strategies employed in the interpretation/translation of songs in Libras, highlighting the meaning of deaf identities (PERLIN, 1998, 2003) present in deaf culture and reflecting on the translation/interpretation, valuing the cultural aspects of deaf identities. This research is qualitative bibliographic, through content analysis (SEVERINO, 2007). Our analysis is the answers to a semi-structured questionnaire of five sign language interpreters in which we observe their knowledge of the world. This research is theoretically supported by Passos (2010), Rigo (2013), Streiechen (2013), among other theorists and researchers.

**Keywords:** deaf culture; deaf identity; Brazilian Sign Language; song translation.

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (2016). Atualmente é discente do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: heliton.diego@hotmail.com

## **Introdução**

O sujeito surdo muitas vezes foi marginalizado, desde a não-utilização da sua língua natural, a língua de sinais. Obrigado a utilizar a língua portuguesa, também conhecida como língua de fronteira (PERLIN, 1998, 2003), nas modalidades oral e escrita, como um sujeito ouvinte; negando, inclusive, sua identidade surda por pressão da identidade hegemônica (ouvinte), segundo Perlin (1998).

A partir disso, mostraremos um breve histórico acerca do sujeito surdo, mostrando a opressão e conquistas desta comunidade (BAUMAN, 2005), as filosofias educacionais que tangeram para a atual (bilinguismo), até a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também apresentaremos como o sujeito surdo se identifica, comentando a respeito da(s) identidade(s) surda(s). Em seguida, traremos a questão de traduções de canções (RIGO, 2013, 2014) para pessoas surdas refletindo acerca das questões culturais.

Mais adiante serão expostos os caminhos que foram trilhados para a realização deste trabalho, como a caracterização deste estudo, metodologia e a coleta de dados. Nosso *corpus* são discursos de tradutores/intérpretes de línguas de sinais de respostas concedidas a partir de três perguntas feitas e enviada por e-mail aos participantes. Nosso objetivo com essa reflexão durante a análise é observar o conhecimento de mundo deles sob a importância, preocupação e técnicas utilizadas na tradução de canções, finalizando com algumas considerações.

### **A comunidade surda e sua história: algumas considerações**

Abordar a concepção de cultura surda implica, de início, que seja retomada a história do povo surdo na educação.

Um marco da comunidade surda foi o Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Milão, em 1880. A maioria dos profissionais eram ouvintes, a presença de surdos oriundos dos Estados Unidos e Grã-Bretanha foi ignorada e seus direitos a votos foram negligenciados. Assim, por meio de voto, ficou decidido que o método oral deveria ser adotado para o ensino de surdos, em detrimento da língua de sinais.

Ainda que seja uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o Congresso de Milão, em 1880 – onde os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, à palavra falada – não foi a primeira oportunidade em que se decidiram políticas e práticas

similares. [...] Apesar de algumas oposições individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial [...] o ouvintismo, ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessas ideias outros pressupostos: os filósofos – o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos – a importância da confissão oral, e os políticos – a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVII e XIX (SKLIAR, 2010, p. 16-17).

Na década de 1970, a filosofia oralista foi colocada em dúvida, quando os estudiosos perceberam que a mesma não estava dando condições para que alunos surdos tivessem acesso a uma educação de qualidade, pela falha do Oralismo. Neste contexto desenvolve-se a filosofia da Comunicação Total (CICCONE, 1990), que “tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e surdos e ouvintes. [...] essa filosofia defende a utilização de recursos-espáço-viso-manuais como facilitadores da comunicação” (GOLDFELD, 2001, p. 38). Com esta abordagem, as formas de comunicação eram várias: linguagem oral, mímica, língua de sinais, tudo valia. “É mais uma filosofia que se opõe ao *oralismo* estrito do que propriamente um método” (CAPOVILLA, 2000, p. 104).

A metodologia defendida atualmente pela comunidade educadora surda é a educação bilíngue que, no contexto escolar brasileiro, é a aquisição da Libras como primeira língua e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua.

No bilinguismo, o objetivo é levar o surdo a desenvolver habilidades em sua língua primária de sinais e secundária escrita. Tais habilidades incluem compreender e sinalizar fluentemente o idioma do país ou cultura em que ele vive. [...] Assim, o surdo deve ser capaz de usar o meio de expressão que seja adequado à situação e com o qual ele se sinta mais confortável. Ao conversar com surdos ou ouvintes sinalizadores, ele pode usar sua língua de sinais. Ao conversar com ouvintes não-sinalizadores, ele pode escrever ou oralizar ou usar um intérprete ouvinte. Ao conversar com ouvintes que falam e sinalizam ao mesmo tempo ele pode escolher uma forma sinalizada de língua falada (*pidgin*) que, embora difira dos sinais naturais de sua língua, é mais inteligível ao ouvinte, já que baseia-se na língua falada (CAPOVILLA, 2000, p. 109).

No Brasil, a língua de sinais é oficialmente denominada como Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esta é língua e não linguagem, e possui gramática e estrutura próprias. Portanto, quando for sinalizar uma frase, é necessário que se tenha

conhecimento sobre a estrutura desta língua, pois não é “português sinalizado”, ou seja, não se utiliza a estrutura gramatical da língua portuguesa.

Para a comunicação oral no Brasil, utiliza-se a língua portuguesa; já para a comunicação de forma sinalizada, a Libras, ambas línguas oficiais do Brasil e com o mesmo objetivo: a comunicação. A utilização destas pode ser de duas formas: formal e informal.

Historicamente, é possível perceber como as línguas de sinais foram marginalizadas, tachadas como linguagem, mímica; também ouvia-se falar em surdo-mudo, sabendo que nem todo surdo, é mudo<sup>2</sup>. Juntamente com a regulamentação da Libras, firmada pela Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, “em que possui gramática e estrutura própria e seu sistema linguístico de natureza visual-motora” (BRASIL, 2002), é classificada como língua, fazendo-se respeitar a estrutura e gramática desta.

### **A questão identitária e cultural dos sujeitos**

Bauman (2005) afirma que no período pós-moderno, o sujeito não possui uma identidade fixa como uma rocha, ao contrário, possui uma identidade líquida, que muda constantemente. Isso se dá pelo fato de o sujeito estar inserido e exposto a diversas “comunidades”, nas quais compartilha sua identidade de diversas formas, sendo elas: em uma roda de amigos, no trabalho, na escola etc. Por intermédio dessas “comunidades”, o sujeito é refletido pelo “eu”, como Hall (2006) esboça: somos diferentes a todo momento, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

A questão identitária se faz na/com a diferença (BURKE, 2004; HALL, 1997; PERLIN, 1998, 2003, 2006; SILVA, 2000). A partir disso, podemos pensar a respeito da(s) identidade(s) surda(s): “[...] ser surdo está se referindo a uma ideia velada que, sem querer, menciona formas de invenção da própria existência ligada a questões de experiência e vivência em seu povo” (PERLIN, 2003, p. 62). As identidades surdas refletem no modo do ser particular de cada membro da comunidade surda. Como ressalta Perlin (1998), é uma questão de ponto de vista e uma questão de visão do

---

<sup>2</sup> Sobre essa questão do surdo-mudo, não era somente o discurso do senso comum, era escrito também, saíam nas leis, decretos. A partir da problematização e de estudos da/sobre a comunidade surda, o termo foi revisto.

Outro<sup>3</sup>, pois se o sujeito surdo convive com ouvintes e estes creem que isso é uma deficiência, algo negativo, provavelmente o sujeito surdo se verá como deficiente e tentará não utilizar a Libras para a comunicação, e sim, a língua portuguesa. Diferente do sujeito surdo que convive com sua comunidade, com a ajuda da constituição de sua identidade: “A identidade nos meios culturais sempre foi afetada por um ou outro poder de controle em tempos determinados” (PERLIN, 1998, p. 8). Quer dizer, os processos de identificação e diferença formam a(s) identidade(s). A visibilidade de identidades surdas está se expandindo e tornando-se fonte de discussões, como youtubers surdos que relatam suas histórias, dificuldades, problemas, ensinam Libras. Outro exemplo que podemos trazer baseado na afirmação de Perlin (1998) acima é a produção cultural ouvinte com a comunidade surda, como o clipe da música “Você é Linda”<sup>4</sup>, do Mc Milk, em que, além das legendas, o cantor faz a própria tradução/interpretação durante o clipe.

Segundo Streiechen (2013, p. 113), “a cultura surda é marcada pela língua de sinais, pelas diferentes identidades, pedagogias, políticas, leis, artes, literatura, entre outros elementos”. Ou seja, a questão da cultura surda envolve e engloba os aspectos do povo surdo.

A partir da inserção dos Estudos Culturais em diferentes áreas, nesse caso a Educação, vê-se que o significado de *cultura(s)* expande.

*Cultura* transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionais para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – *culturas* – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36, ênfase dos autores).

É nesse sentido que a cultura surda entra, pois o povo surdo, agora, pode mostrar suas artes, língua, literaturas, identidades, tudo o que possui. Agora, com a questão dos Estudos Culturais, percebe-se a expressão e “a diversificação e a singularização que o conceito comporta” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36).

<sup>3</sup> Essa concepção está baseada na visão de Silva (2000), que a identidade hegemônica sempre está atrelada ao Outro, ou seja, a diferença, aquilo que o outro *não* é.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/W2C4BMkPSew>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

## A questão da musicalidade para sujeitos surdos

Segundo os dicionários de língua portuguesa, a palavra *música* (substantivo feminino) significa: “Sucessão de sons agradáveis ao *ouvido*” (ROCHA, 2001, p. 421, ênfase minha). Observamos que o significado, de uma maneira geral, exclui a comunidade surda de prestigiar essa arte. A princípio, sabe-se que nossa sociedade pós-moderna está revendo isso, pois música é considerada uma arte e também pode estar acessível à comunidade surda, como a ilustração do cantor no tópico anterior. Apesar de que

[...] “música para surdos” ainda é tida como um tabu social. Sabe-se que algumas esferas, principalmente as acadêmicas e as que existem um engajamento político mais forte e presente de pessoas surdas, o discurso sobre questões de diferenças culturais e linguísticas é bastante forte, assim como questões sobre pós-colonialismo, ouvintismos, audismo, normalização etc., onde a prática de tradução de canções em alguns casos pode ser vista como um reflexo disso (RIGO, 2013, p. 17-18).

Trabalhar com um fenômeno cultural, no caso da música, fazer a (des)construção desses significados (só ouvintes podem prestigiar músicas?; Todos os surdos gostam de música?) que estão empregados na cultura hegemônica, pelo ponto de vista da comunidade ouvinte, é um assunto delicado. Entretanto, é possível discuti-lo considerando os Estudos Surdos.

Apesar dos Estudos Culturais abordarem a respeito do audismo e da tentativa de imposição da música pelos ouvintes aos sujeitos surdos, é preciso um pouco de cuidado ao abordar este assunto, pois música é um tema delicado para a comunidade surda. Os Estudos Surdos vão contra ao audismo, isto é, este programa de pesquisa em educação, que valoriza as identidades, línguas, entre outros temas e que busca, a partir da diferença, seu reconhecimento político, conforme Skliar (1998). Ou seja, um coral de surdos, por exemplo, algumas vezes reflete nesse tema, pois, no passado, a cultura dominante foi imposta para eles. Com muita delicadeza, pretendemos comentar acerca das traduções de canções como possibilidade de acessibilidade a uma expressão da cultura ouvinte, ficando livre ao público surdo a aceitação ou reprovação disso.

Passos (2010, p. 25) comenta, a respeito dos Estudos Surdos, que houve uma reviravolta da comunidade surda com relação ao uso e acesso da Libras antigamente e nos dias atuais. Atualmente, percebe-se que poucas pessoas surdas ainda pensam que a

língua de sinais é inferior comparada à língua portuguesa, por ser utilizada pela maioria. “[...] o senso de pertencimento a esta minoria linguística está mais relacionado a aquisição/aprendizado de uma língua de sinais e a uma identificação cultural do que a questões biológicas, geográficas ou sociais”.

### Um olhar para a tradução/interpretação

Este trabalho tem caráter qualitativo de pesquisa bibliográfica, em que foi realizado uma busca em trabalhos já discutidos sobre o tema, conforme visto nas seções anteriores, mediante análise de conteúdo:

Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto das comunicações. [...] Os discursos podem ser aqueles já dados nas diferentes formas de comunicação e interlocução bem como aqueles obtidos a partir de perguntas, via entrevistas e depoimentos (SEVERINO, 2007, p. 121-122).

Foi construída uma entrevista estruturada e enviada por e-mail para tradutores e intérpretes de língua de sinais (TILS) de diferentes regiões do Brasil. O questionário é composto por três perguntas com respostas abertas, partindo de dados mais gerais a situações específicas. Neste trabalho, analisamos a resposta de cinco TILS.

Foi perguntado sobre a finalidade do TILS ao utilizar determinados sinais na tradução da música; questão de transferência cultural e variação linguística. Optamos por colocar a pergunta e as respostas em um quadro para melhor visualização e distribuição do texto. Abaixo, segue a primeira pergunta e a resposta de cada TILS. Os nomes utilizados para análise de dados são fictícios para preservar a identidade de cada participante.

<b>Como tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais, qual é a sua finalidade ao utilizar determinados sinais na tradução de canções?</b>	
<b>Augusto</b>	Nunca penso no surdo nas traduções de músicas. Nunca penso em tornar algo acessível, mas em criar algo novo e agradável aos sinalizantes.
<b>Danilo</b>	Meu objetivo principal é fazer com que o público alvo (surdos), compreenda a mensagem, o sentido e a intenção do autor do texto de partida.
<b>Martha</b>	Qualquer sinal utilizado em traduções/interpretações de músicas, diálogos, palestras, conteúdos escolares ou qualquer outro tipo de comunicação, o alvo é sempre atingir a compreensão do surdo, ou seja, passar a mensagem ou informação de forma clara, original e fidedigna.
<b>Michelle</b>	A finalidade de cada escolha lexical vai além de uma tradução “literal”, envolve sentimentos e emoções que precisam ser explorados, a fim de que chegue ao receptor a mesma emoção que o autor/escritor se propôs.



<b>Rosiane</b>	A finalidade é sempre proporcionar a melhor compreensão do contexto por parte do surdo.
----------------	---

**Quadro 1** – Pergunta e respostas a respeito da utilização de sinais durante/na tradução de canções. Fonte: autor.

Encontramos algumas semelhanças nas respostas de Danilo, Martha, Michelle e Rosiane, pois todos estes se preocupam com suas interpretações, como seu público-alvo. Rigo (2014, p. 129) comenta sobre isso: “Um fator complicador do trabalho de traduções de canções que reforça o desafio da prática é justamente o vasto público-alvo e suas diferentes relações com a música”. Isso também complementa o que foi falado acerca da musicalidade para surdos e as identidades deles, pois “a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como uma construção multicultural” (PERLIN, 2005, p. 53). Diferente da concepção de Augusto, que não tem preocupação com os surdos, de acordo com sua resposta. Isso acarreta um problema:

[...] é importante que se reflita acerca do tradutor-intérprete enquanto ser ouvinte que possui, portanto, outro tipo de relação e percepção musical, diferente por sua vez da percepção do público-alvo de sua tradução. [...] Essa subordinação ao som pode implicar traduções com forte apelo sonoro o que não pode não condizer com a percepção visual do público-alvo surdo (RIGO, 2014, p. 127-128).

No próximo quadro, destacamos as respostas referentes à questão cultural:

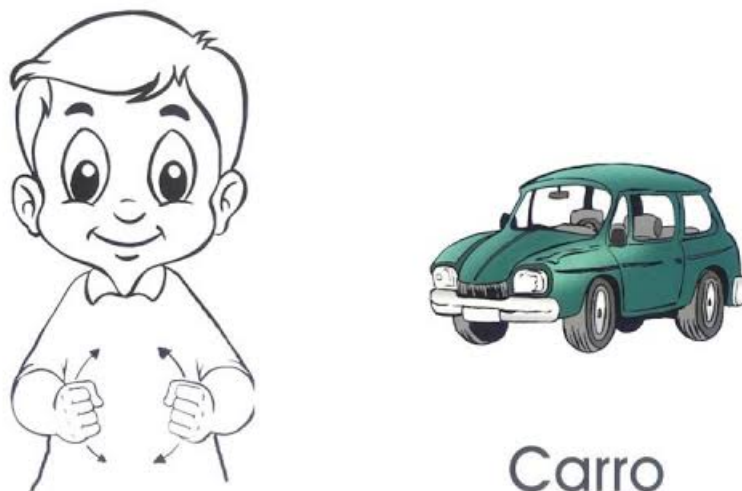
<b>Como você faz para transferir, numa questão cultural, a canção para a comunidade surda?</b>	
<b>Augusto</b>	O que os surdos têm em comum é a visualidade. Nesse aspecto concentro minha criatividade. Procuo utilizar o máximo de classificadores e incorporações possíveis.
<b>Danilo</b>	A transferência cultural acontece principalmente nas metáforas e nas expressões idiomáticas da Língua Fonte.
<b>Martha</b>	Algumas músicas trazem consigo mensagens, as quais se utilizam de metáforas, expressões idiomáticas e outros recursos linguísticos que fazem parte das línguas orais.
<b>Michelle</b>	Apesar de sabermos que a “fidelidade tradutória” é impossível justamente por esses aspectos culturais, por outro lado, sabemos que é necessário respeitá-las, todavia sem perder o foco de chegar o mais próximo possível da tão sonhada “fidelidade”.
<b>Rosiane</b>	Se a “palavra” tem uma origem cultural diferente da cultura do surdo, devemos dar um exemplo para que ele entenda o que aquela “palavra” significa.

**Quadro 2** – Pergunta e respostas sobre a questão cultural para a comunidade surda. Fonte: autor.



Entendemos que, no ponto de vista de Augusto, ele, inconscientemente, traduz para o público surdo, portanto, ambos poderão desfrutar da música. O que entra em diferença nesse aspecto é que a comunidade ouvinte poderá apreciar juntamente com o som e a tradução. Por outro lado, para ter esse duplo domínio, é necessário que o ouvinte tenha um conhecimento da Libras, pois a tradução de canção não é simplesmente a transferência da “Língua Fonte”, de acordo com a resposta de Danilo, para a Libras.

Em todas as respostas notamos algumas estratégias, como o uso de classificadores<sup>5</sup>, a questão de preocupação com as metáforas e expressões idiomáticas e a “fidelidade”. No caso da resposta de Augusto, em que ele pensa no âmbito visual e na utilização de classificadores “que remetem a uma explicitação mais elaborada nas traduções” (RIGO, 2014, p. 141), é preciso um estudo mais atencioso para a tradução de canção. Como ele menciona o aspecto visual como algo em comum de todos, ao utilizar os classificadores é necessário que surdos e ouvintes tenham conhecimento acerca disso, pois, por exemplo: ao estar traduzindo uma canção que tenha “carro”, será feito o sinal de CARRO, que é com as duas mãos fechadas, como o sinal de S, balançando de um lado para o outro, como se estivesse mexendo em um volante, conforme a figura 1.



**Figura 1** – Representação do sinal CARRO em Libras  
Fonte: Fundação Catarinense de Educação Especial.

<sup>5</sup> Grinevald (1996, citado por Schembri, 2003, p. 15) explica sobre os classificadores, que: “(a) classificadores são morfemas explícitos; (b) eles constituem um subsistema morfossintático; (c) eles são sistemas de classificação semanticamente motivados que não classificam todos os substantivos e; (d) eles são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas”.

Se houver muitas repetições dessa palavra, o TILS poderá fazer a utilização do classificador de CARRO, que, nesse caso, é a mão estendida. Na próxima vez que for mencionar o carro, o TILS simplesmente apontará no local em que ele o deixou no espaço visual e/ou fará o uso com o classificador.

A respeito da fidelidade, adotamos o conceito de Quadros (2004, p. 28, ênfase minha): “a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que *realmente* foi dito”. Pensando nessa questão fidedigna, há uma dificuldade, porque o significado do que foi dito é através de outras vozes (BAKHTIN, 2004). Ou seja, a mesma coisa pode ser dita de diferentes formas, mas nunca será nova, porque já foi dita anteriormente (ORLANDI, 2005, 2012). Enfatizamos o *realmente* na citação de Quadros (2004) porque é complicado afirmar que está fazendo uma tradução fiel, devido ao seu conhecimento de mundo acerca do que está dito na música em questão. É impossível pensar isso como algo neutro. Portanto, fica um pouco complexo pensar que o TILS está realmente passando exatamente o que foi dito de forma linear, conforme Jakobson (1975). Determinado sinal utilizado para determinada palavra/verso da canção é um ato ideológico.

Na resposta de Rosiane, uma questão delicada é encontrada, pois é necessário um bom domínio nas duas línguas, “não somente na área linguística, mas principalmente na cultura e organização social das línguas fonte e origem” (TOURY, 1995 citado por SEGALA, 2010, p. 52). Tratar determinada palavra/verso da canção com algum exemplo, às vezes, pode dificultar e/ou mudar parcialmente ou totalmente o entendimento.

E, por fim, abaixo a última pergunta feita:

<b>Numa questão de variação linguística da Libras, você se preocupa se um surdo de outro estado, por exemplo, chegue a não entender a sua tradução/interpretação? Caso isso ocorra, qual seria a melhor solução na sua opinião?</b>	
<b>Augusto</b>	A solução será os surdos de liderança na comunidade fundarem a Academia de Letras da LSB [língua de sinais brasileira]. Buscarem a padronização da ortografia e normas gramaticais. Para isso, a disseminação da escrita de sinais é essencial, mesmo que essa busca se inicie fadada a nunca se completar devido a natureza de todas as línguas serem “vivas”.
<b>Danilo</b>	Em minhas traduções, procuro sempre substituir as variações linguísticas por técnicas de transferência, tais como: detalhamento do campo semântico (compreensão) ou expansão do campo lexical e uso constante de CL [classificadores]. A melhor opção seria o uso de CL e processo anafórico.

<b>Martha</b>	Quando se trata de música, acredito que a compreensão ocorre pelo contexto e não apenas pelos sinais.
<b>Michelle</b>	A preocupação existe, é necessário estar ciente para qual público irá interpretar. No entanto, a variação linguística sempre irá ocorrer, não existe uma única língua de sinais brasileira. Atualmente tanto os TILS como os surdos podem contar com alguns registros em LS [línguas de sinais]. Temos registros em vídeo, livros em escrita de sinais e dicionários.
<b>Rosiane</b>	Caso seja notória a incompreensão do surdo, no ato da interpretação faria a datilologia e após tentaria mostrar outros sinais que tenham o mesmo significado e também mostrar exemplos para que o mesmo tenha um entendimento completo.

**Quadro 3** – Pergunta e respostas sobre a variação linguística na Libras em tradução de canções. Fonte: autor.

Através dessa questão conseguimos diversas opiniões, apesar de algumas serem um pouco parecidas. Quando Augusto fala a respeito da “padronização”, notamos similaridade na resposta de Michelle sobre a Libras que, assim como a língua portuguesa, não é totalmente padrão. Isso é visto diariamente. Seria interessante a padronização de determinados sinais. Por exemplo, o sinal de MÃE utilizado em algumas cidades do Paraná é composto pelos sinais MULHER + BENÇÃO. Este sinal possui um significado, pois geralmente filhos pedem a benção de seus pais antes de dormir. O sinal de PAI é sinalizado de forma semelhante: HOMEM + BENÇÃO. Diferente de algumas localidades do Rio Grande do Sul, onde o sinal de MÃE é feito com o dedo indicador, encostando ao lado do nariz. Este sinal possui um significado histórico, pois quando os surdos foram oralizados obrigatoriamente, para aprenderem os sons de algumas letras, o professor colocava a mão do surdo próximo ao nariz para ele “entender” que aquele é o “som” do “M”.

Falar de padronização de línguas é um assunto complexo, e para a Libras, não é diferente. Se pensarmos em determinados sinais, de qual estado será oficializado? Por quê? Será que este sinal é “melhor”, passa mais o significado da(s) palavra(s) do que o da outra região? Consideramos que as respostas para estas perguntas não cabem para este trabalho, mas que devem ser pensadas.

Sob um outro ponto de vista, Martha fala a respeito do contexto, que é importante para o entendimento da canção, assim como a utilização de classificadores, que Danilo e Augusto acham que são importantes. Uma outra estratégia é a datilologia, que é a utilização do alfabeto-manual das línguas de sinais para “escrever” uma palavra que ainda não tenha um sinal, apontada por Rosiane que também é importante e

necessária em alguns casos, em que, por exemplo, o TILS não saiba ou ainda não tenha um sinal para determinada palavra. Um exemplo é a tradução/interpretação da canção *Faroeste Caboclo*<sup>6</sup>, em cujo vídeo o TILS não faz o sinal de “Ceilândia”, e sim a datilologia, ou seja, a escrita da palavra utilizando o sinal de cada letra correspondente, ficando assim: C-E-I-L-A-N-D-I-A.

### **Considerações finais**

Como já comentado no decorrer deste trabalho, a Libras é uma língua viva, que sofre modificações ao longo do tempo e de lugar para lugar, já que os sinais são uma leitura da cultura e da história ao redor dos surdos. Assim, deve-se saber que é impossível que grupos diferentes tenham os mesmos sinais, já que a influência sofrida é diferente. Há a tentativa de se padronizar a Libras, fazendo com que ela seja única no país todo, no entanto, algum grupo/localidade seria privilegiado em detrimento do outro, pois apenas os sinais utilizados pelo grupo hegemônico cultural/social/econômico seriam utilizados e vistos como legítimos.

Ao se fazer uma tradução, deve-se ter em mente que Libras e língua portuguesa são modalidades diferentes de língua, tendo cada uma sua gramática própria, bem como termos próprios, não havendo uma correspondência absoluta entre elas, portanto, sendo impossível fazer uma transferência completa entre elas. As canções em língua portuguesa utilizam inúmeras metáforas e figuras de linguagem para transmitir sua mensagem, e, muitas vezes, esses mecanismos linguísticos não são adequados para a Libras, dificultando ou mesmo impossibilitando os entendimentos pelos surdos. Portanto, os TILS têm o desafio de fazer uma tradução que seja compreendida pelos surdos.

Como cada TILS tem uma origem e uma bagagem cultural diferente, há uma infinidade de possibilidades de tradução, dependendo até mesmo da visão que se tem de mundo. Portanto, a tradução tem um caráter político, já que o TILS emite uma opinião, ainda que involuntária, ao interpretar uma canção. Tendo isso em vista, noto que as traduções são diferentes entre si, havendo mais interpretações acerca de traduções de canções.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/R8QDHNvQYak>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 17 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 25 de abril de 2002.
- CAPOVILLA, Fernando César. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.
- CICCONE, Marta. **Comunicação total**: introdução, estratégia. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 2001.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PASSOS, Gabrielle Cristine Rech dos. **Os intérpretes de língua de sinais**: atitudes frente à língua de sinais e às pessoas surdas. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- PERLIN, Gladis. **História de vida surda**: identidades em questão. 51 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo surdos**. alteridade, diferença e identidade. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKILIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- PERLIN, Gladis. A cultural surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 136-147, jun. 2006.
- RIGO, Natália Schleder. **Tradução de canções de LP para LSB**: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- RIGO, Natália Schleder. Tradução de canções para língua de sinais: um recorte nos recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes. In: QUADROS,

Ronice Müller; WEININGER, Markus J. **Estudos de Língua de Sinais**, v. 3, Florianópolis: Insular, 2014, p. 125-149.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Scipione, 2003.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais**. 74 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHEMBRI, Adam. Rethinking ‘classifiers’ in signed languages. In: EMMOREY, Kared (ed.). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 3-34.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SKLIAR, Carlos. Os estudos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 7-32.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Libras: aprender está em suas mãos**. Curitiba: CRV, 2013.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

Submetido em: 04/06/2018

Aprovado em: 09/12/2019

### Como referenciar este artigo:

LAU, Heliton Diego. Tradução/interpretação de canções: um olhar com/sobre TILS. **revista Linguagem**, São Carlos, v.33, n.1, jan./jun. 2020, p. 126-139.